

DIVERSIDADE CULTURAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: O APOIO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO EDUCATIVO

Edwiges Inácia de LIMA¹

Luciane GUIDASTRE²

Mônia Daniela Dotta Martins KANASHIRO³

RESUMO: Este artigo consiste num relato de experiência de observação e participação das autoras em um projeto denominado “Diversidade Cultural: Quem sou eu?” desenvolvido com alunos do quinto ano em uma escola municipal do interior paulista, cujas ações são relatadas periodicamente em um blog criado e mantido pela docente responsável pelo projeto e que vem subsidiando a criação de apresentações multimídia dos alunos que expõem o que aprenderam visando compartilhar saberes a partir do trabalho com novas tecnologias. Como objetivo de pesquisa buscamos analisar como a tecnologia vem sendo usada com alunos e se ela potencializa e favorece a construção do conhecimento acerca da Diversidade Cultural. A metodologia da investigação baseou-se na abordagem qualitativa, descritiva com nuances de observação participante, com sessões de observação e aplicação de questionários abertos a professores dos estudantes e entrevistas semi-estruturadas com a docente responsável. A partir dos dados chegamos aos resultados de que a tecnologia vem tendo papel de destaque na realização do projeto, principalmente por favorecer a difusão das ações realizadas, minimizar barreiras de tempo e espaço, possibilitar amplo acesso à informação e contribuir para a alfabetização digital dos alunos. No entanto, percebemos que a tecnologia não teve um papel central na aprendizagem, mas a intervenção docente, sim foi indispensável. Quanto à Diversidade Cultural, observamos que os alunos demonstraram ganhos de aprendizagem significativos relativos às origens do povo brasileiro e respeito às culturas e costumes diferentes dos seus, construindo ao mesmo tempo sua própria identidade.

Palavras-chave: Novas Tecnologias da Educação. Diversidade Cultural. Prática Pedagógica.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente – SP.
E-mail: edi-inacia@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia pela FEOCRUZ- Faculdade Osvaldo Cruz, Osvaldo Cruz, SP, com Especialização em Interdisciplinaridade e Transversalidade em Educação pela UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: guidastre.luciane@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente, SP.
E-mail: moniadaniela@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Diversidade Cultural é uma temática importante para discussão na sociedade, segundo Kadlubitski e Junqueira (2009, p.180)

A sociedade moderna considerou por muito tempo o homem branco e a cultura européia fundamentalmente superior a todas as outras culturas e etnias, constituindo, dessa forma, uma sociedade baseada na hierarquização e na discriminação das raças e das espécies, legitimando a dominação da cultura etnocêntrico-européia sobre outros povos, culturas e civilizações.

Na Educação, a questão da Diversidade Cultural já aparece na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/96, que estabelece o ensino da história do Brasil e as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia, como também o ensino sobre a história e a cultura afro-brasileira, conteúdos a serem trabalhados no âmbito de todo o currículo (art. 26 e 26-A). O documento preconiza ainda, no ensino às comunidades indígenas, a utilização da sua língua materna (art. 32) e o respeito à Diversidade Cultural religiosa do Brasil (art. 33).

No entanto, a valorização das diferenças e da Diversidade Cultural ganhou destaque no campo educacional nacional a partir de 1995, quando os Parâmetros Curriculares Nacionais trouxeram em seu Volume 10 a Pluralidade Cultural como Tema Transversal a ser trabalhado nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Desde então, no âmbito legal, diversas políticas públicas foram implementadas para combater o preconceito e racismo e promover a Diversidade Cultural como riqueza, principalmente após 2004, com a criação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), que agrupou competências relativas a alfabetização e educação de jovens e adultos, educação do campo, educação ambiental, educação escolar indígena e diversidade étnico-racial. Alguns dos documentos publicados pela secretaria em conjunto com o MEC são: Referências para a formação de professores indígenas em 2002; Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em 2004; Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais em 2006.

Em 2017 a nova Base Curricular Comum Nacional trouxe em seu bojo a valorização da Diversidade Cultural e em diversos momentos enfatiza a importância de considerar os diversos contextos e respeitar e valorizar as diferenças culturais, reacendendo a questão.

Assim, sabendo que no ambiente escolar desde cedo, as crianças estabelecem relações afetivas e sociais que irão contribuir para sua formação como cidadãos, existe uma preocupação dos educadores para o acolhimento e desenvolvimento do respeito para com todas as crianças sem preconceitos, independente de suas diferenças culturais, religião, raça, cor, etc., foi nesse contexto que surgiu o projeto analisado neste artigo.

O projeto “Diversidade Cultural: Quem sou eu?” iniciou-se em março de 2018 por intermédio da professora de informática de uma unidade escolar pertencente à rede do município de Rancharia no Estado de São Paulo, que, segundo relatado pela própria professora em entrevista, vinha observando atitudes preconceituosas de alunos em relação a colegas em momentos de interação. Mediante a situação a docente resolveu realizar uma sondagem com os aprendizes para verificar se eles sabiam o que era Diversidade Cultural e a concepção desses alunos sobre o termo preconceito. O grupo de alunos atendidos pela professora em questão soma 60 estudantes do quinto ano do Ensino Fundamental, que participam das aulas de informática em horários diversos, sempre no contraturno, visto que frequentam a escola no período integral sendo participantes do programa Novo Mais Educação, oferecido pela escola, em que diversos projetos de diferentes áreas são desenvolvidos.

Diante dos resultados da sondagem que demonstraram grande percentual de desconhecimento dos alunos sobre Diversidade Cultural e preconceito, demonstrando que associavam a diversidade apenas a danças, comidas típicas, diferentes religiões, sem mencionarem o caráter ético da temática, a professora resolveu iniciar um projeto para trabalhar a valorização e respeito das diferentes culturas de modo que os alunos pudessem conhecer outras realidades. O que no início estava programado pela professora para durar um mês e limitar-se a pesquisas na internet sobre as diferenças culturais no Brasil e criação de apresentações sobre o tema mostrando a importância do respeito, ganhou notoriedade na escola e acabou envolvendo outros docentes cujas ações na sala de

aula regular complementavam o trabalho feito no contraturno nas aulas de informática educativa e vice-versa, dando origem a um blog que vem concentrando as mídias de divulgação das ações realizadas e produções dos alunos no projeto e que está disponível para visualização em <<https://guidastre.blogspot.com/>>.

Dentre as estratégias e ações observadas em campo e relatadas nas entrevistas com a professora responsável que estão em pauta para serem realizadas no projeto que pretende se estender até outubro de 2018 estão:

- Rodas de conversas informais e formais;
- Pesquisa na internet no laboratório de informática da escola e em dicionários e enciclopédias sobre os termos Preconceito, Discriminação e Racismo; leitura de texto trazido pela professora;
- Leitura de materiais variados como livros, jornais e revistas e internet;
- Observação do meio como forma de pesquisa da cultura local e global (internet);
- Pesquisa sobre os costumes e culturas existentes no Brasil e sobre as raízes culturais do município de Rancharia.
- Aplicação de questionário diagnóstico de avaliação do perfil da escola entre todos os funcionários, em relação ao tratamento da diversidade no cotidiano escolar;
- Seleção e análise de obras de arte que possam ser trabalhadas no projeto;
- Reprodução de obras de arte que retratem culturas variadas;
- Confecção de cartazes, jornais, livros referente ao tema para possível exposição ou mostra cultural com uso de diferentes mídias;
- Trabalho com músicas com conteúdos relacionados ao tema;
- Trabalho com obras literárias infantis como Menina Bonita do Laço de Fita, dentre outras);
- Pesquisa de vídeos relacionados ao tema;
- Pesquisa de imagens de diferentes rostos, e confecção de cartazes com diversas personalidades de etnias diferentes que alcançaram a fama ou que são respeitados (cientistas, artistas, engenheiros, etc – internet google);
- Livro de receitas de diferentes etnias;

- Apresentação de músicas: japonesa, africanas, dentre outras, bem como jogos e outros costumes.
- Produção de Jogos;
- Resgate de brincadeiras antigas de diferentes nacionalidades;
- Filmes que destacam o tema (O Triunfo - The Ron Clark Story, 2006); Tainá 3 – A Origem (Rosane Svartman); Monstros S.A.; Sherek; Robôs; Quilombo;
- Entrevistas com familiares, amigos e conhecidos dos estudantes de descendência de diferentes etnias sobre suas origens e investigação sobre preconceitos que porventura tenham sofrido;
- Exploração de livros didáticos com textos sobre os assuntos trabalhados, sobre as origens do povo brasileiro e o descobrimento do Brasil;
- Construção de encenações com situações cotidianas vivenciadas pelos alunos com temas relacionados à Diversidade Cultural;
- Apresentações de danças e músicas relacionadas ao tema;
- Produções textuais e de mídias digitais, além de criação nas aulas de Artes relacionadas às diversas culturas conhecidas durante as pesquisas;

Assim, a investigação então proposta nesta pesquisa foi de analisar de que forma o uso da tecnologia se integrou ao processo educativo no projeto e em que a tecnologia potencializou e favoreceu a construção do conhecimento dos alunos acerca da Diversidade Cultural. Como objetivos específicos, o estudo buscou identificar ainda o nível de satisfação dos professores envolvidos e dos estudantes participantes durante o contato com as tecnologias e na construção dos saberes sobre o tema.

Tal estudo justificou-se pela necessidade das autoras em averiguar como o uso da informática e mídias na escola pode favorecer a formação ética das crianças e potencializar a aprendizagem em consonância com as transformações sociais resultantes das novas tecnologias.

Além disso, acreditamos que os resultados de tal pesquisa poderá nortear futuras práticas educativas no Ensino Fundamental atrelando o ensino de valores com uso das novas tecnologias.

2 A EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI: TECNOLOGIAS E DIVERSIDADE

Segundo Coll e Monereo (2010) a partir de meados do século XIX a educação tinha como função ensinar conteúdos estáveis e institucionalizados necessários para formar os bons cidadãos. Era papel do professor transferir valores e formas culturais da sociedade idealizada e manter o status social vigente. No entanto, no mundo atual com a globalização e a emergência da Sociedade da Informação a uniformidade e homogeneidade cultural deixaram de ser traços distintos dos Estados-Nação, levando a Educação a buscar uma renovação no sentido de se reelaborar para atender aos anseios sociais.

Moran, Masetto e Behrens (2004, p.12) apontam que

Enquanto a sociedade muda e experimenta desafios mais complexos, a educação formal continua, de maneira geral, organizada de modo previsível, repetitivo, burocrático, pouco atraente. Apesar de teorias avançadas, predomina, na prática, uma visão conservadora, repetindo o que está consolidado, o que não oferece riscos nem grandes tensões.

Contudo, pensando nas condições de aprendizagem das crianças do século passado e da atual geração digital concordamos com Mamede-Neves e Duarte (2008, p. 785) e acreditamos que

as novas gerações não são nem mais nem menos cultivadas ou inteligentes do que as anteriores, mas, ao que tudo indica, desenvolveram formas de lidar com a informação e de construir conhecimentos diferentes daquelas com as quais aprendemos a lidar e que tomamos como referência para ensinar.

Assim, nesse novo contexto global é relevante que os espaços formais de educação acolham os alunos em meio ao mundo digital, ativo e autônomo em que eles se desenvolvem, porém de modo que a aprendizagem seja o foco principal de qualquer ação.

Veen e Vrakking (2009, p. 32) em sua obra Homo Zappiens: educando na era digital traçam um perfil dos alunos que já nasceram com a tecnologia integrada a seu cotidiano, segundo os autores, os homo zappiens, como eles chamam essa nova geração,

fazem várias atividades ao mesmo tempo, querem respostas rápidas e imediatas, dividem sua atenção entre os diferentes sinais de entrada de

informações e decidem processá-los quando adequado, variando seu nível de atenção de acordo com seu interesse. [...] Para estas crianças e jovens a escola “é mais um lugar de encontro de amigos, um espaço social, do que um lugar para aprender.

Além disso, segundo Libâneo (2010, p.26), a educação hoje não acontece mais só na escola, mas em diversos outros ambientes, nos meios de comunicação, nas ruas, nas iniciativas de participação popular, dentre outros. Por isso, para ele, a escola “precisa deixar de ser meramente transmissora de informações para tornar-se espaço de análises críticas e de produção de informações com atribuição de significados a essas informações.”

Na escola que está recebendo essa nova geração, o papel do professor deve ser o de mediador e não mais expositor e dono do saber, nesse sentido Libâneo (2010, p.27) afirma que

[...] os estudantes precisam ser capacitados não apenas a selecionar as informações e manusear as diversas mídias, mas a internalizar instrumentos cognitivos: saber pensar de modo reflexivo aprendendo pois a fazer a síntese entre a cultura formal e a cultura experimentada, por isso o papel do professor nessa escola emergente é fundamental pois é ele que fará a mediação desses processos levando o aluno a atribuir significados às informações recebidas da mídia a partir de variadas formas de intervenções educativas.

Assim, acreditamos que a escola deve ser aquela

[...] que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em suas várias manifestações: a cultura provida pela ciência, pela técnica, pela estética, pela ética, bem como pela cultura paralela, (meios de comunicação de massa) e pela cultura cotidiana. (LIBÂNEO, 2001, p. 7)

Com o uso das TIC temos a expansão dos cenários de aprendizagem, por meio do celular, agendas eletrônicas, computadores de bolso e outros dispositivos, permitindo acesso a documentos, portfólios, fóruns, chats, questionários, webquests, weblogs. Coll e Monereo (2010), apontam que entra em cena um novo tipo de aprendizagem, ubíqua, para além da escola e modificam-se papéis dos alunos e professores, novas possibilidades e modalidades de interação, sem dependência de coordenadas espaço-temporal.

No entanto, as TIC não constituem em si mesmas um elemento inovador e transformador das práticas educacionais de qualificação da educação.

Sua potencialidade em transformar e melhorar a educação reside nas propostas psicopedagógicas e didáticas a partir das quais se defende sua utilização. Contudo, os professores tendem a dar às TIC usos que são coerentes com seus pensamentos pedagógicos e com sua visão dos processos de ensino e aprendizagem, de forma transmissiva ou tradicional e não ativa e construtivista, buscando promover atividades de exploração, indagação, autonomia e colaborativa. “[...] o professorado em geral tende a adaptar o uso das TIC às suas práticas docentes, mais do que o contrário.” (COLL; MONEREO, 2010).

As TIC proporcionam as interações dos sujeitos, tornando-se efetivas ou não e modificando as práticas pedagógicas. Mas não é apenas nas TIC que devemos buscar essa modificação, “[...] mas nas atividades que desenvolvem professores e estudantes graças às possibilidades de comunicação, troca de informação e conhecimento, acesso e processamento de informação que estas tecnologias oferecem.” (COLL; MAURI; ONRUBIA, 2010).

Quanto ao uso das tecnologias integradas ao processo educativo salientamos que é preciso que professores tenham formações sólidas e se posicionem ativamente diante das informações que chegam pelos canais da tecnologia, precisam ter comprometimento ao ensinar de forma crítica, “pois se as crianças não têm uma mediação adulta sistemática que as auxilie na construção de uma atitude mais crítica em relação ao que assistem, a precariedade da reflexão sobre linguagem impede que a compreensão dessas crianças seja mais rica”. (FANTIN, 2005, p.2).

No que se refere às diretrizes nacionais para a educação e que consideram o uso das tecnologias, a BNCC traz como uma das competências ligadas à área de Linguagens que harmoniza com o trabalho por nós analisado que consiste em

6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2017, p. 63)

Além disso, o documento acrescenta ainda que “procura contemplar a cultura digital e diferentes linguagens e letramentos, desde aqueles basicamente

lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia.” (BRASIL, 2017, p. 68)

No entanto, além da formação cultural, instrumental e tecnológica, os novos tempos demandam uma formação ética e nesse sentido Morin (2002), argumenta sobre a necessidade de que a educação esteja centrada na condição de sujeito humano, isto é, deve-se reconhecer em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a Diversidade Cultural inerente a tudo que é humano.

Morin (2003) na obra *Sete saberes indispensáveis para os cidadãos do século XXI* elenca ainda, saberes necessários a serem desenvolvidos por uma escola que forma para o futuro, dentre eles, que a escola deve ensinar a condição humana, conscientizando o aluno de que o homem é ao mesmo tempo um ser físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico, por isso os componentes curriculares devem integrar os conteúdos interdisciplinarmente promovendo o desenvolvimento do humano de forma holística e não fragmentada. A educação nessa escola que almejamos precisa ainda disseminar o sentimento de pertencimento de todos a grande pátria: Terra, ensinando aos estudantes que os seres humanos têm problemas e um destino comum independente de seu local de vida e que o acontecimento de sua localidade pode interferir na totalidade pois tudo está interligado. Para Morin, os estudantes devem ser preparados eticamente para compreender o outro e ter respeito pelas ideias, crenças, costumes e modelos de vida diferentes dos seus, desde que estes não venham a ferir a dignidade humana. Devem ser formados para evitar o egoísmo e o etnocentrismo pois “[...] se descobrirmos que somos todos seres frágeis, insuficientes, carentes, então podemos descobrir que todos necessitamos de mútua compreensão.” (MORIN, 2003, p.100)

Assim abordar a Diversidade Cultural na educação para o século XXI converge com as necessidades da nova sociedade no sentido de que os futuros cidadãos precisam ser formados não apenas culturalmente e instrumentalmente, mas também eticamente para refletir sobre suas ações e colocar-se no lugar do outro considerando-se parte de um todo.

A palavra “diversidade” origina-se do latim *diversitate*, que significa diferença e abarca a pluralidade, estas estão em constante evolução e se modificam

e se transformam com a sociedade. Então podemos entender a Diversidade Cultural como as diversas manifestações das diversas culturas ao longo do tempo.

Gomes (2003, p. 71, apud Kadlubitski; Junqueira, 2009, p.181) explica o sentido que atribuímos às diferenças. Para o autor, é possível entender as diferenças de duas formas:

- as diferenças são construídas culturalmente, tornando-se empiricamente observáveis;
 - as diferenças são constituídas ao longo do processo histórico, nas relações sociais e nas relações de poder.
- Muitas vezes, certos grupos humanos tornam o outro diferente para fazê-lo inimigo, para dominá-lo.

É preciso atentar, pois conforme afirma Kadlubitski e Junqueira (2009, p.181) “as pessoas aprendem a ver as culturas, diferentes das suas, e as julgam do seu ponto de vista”, como expressa Nelson Mandela, “ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar” (URI, 2007).

Na contemporaneidade, explica Marín (2003, p. 16 apud Kadlubitski; Junqueira, 2009, p.180), “a globalização econômica e cultural do capitalismo impõe-se como modelo único de sociedade e essa cultura dominante, veiculada por certas religiões, escolas, meios de comunicação, exclui a Diversidade Cultural.”

Ainda segundo Marín (2003. p. 2 apud Kadlubitski; Junqueira, 2009, p.182), a educação possibilita a preservação da Diversidade Cultural e cria um espaço democrático, dando lugar ao encontro e à convivência entre diferentes culturas.

Assim, é necessário apontar que a escola deve buscar

um tipo de ação educativa que não procure moldar todos os alunos dentro do mesmo padrão social e cultural dominante, mas, antes, que valorize os saberes e as práticas de grupos sociais diferenciados, bem como as características individuais de cada aluno, promovendo, dessa maneira, a inclusão social e a formação para a cidadania. (SANTOS; OLIVEIRA, 2015, p. 253)

Cabe apontar, que a nova BNCC afirma que o Brasil é um país de acentuada Diversidade Cultural e profundas desigualdades sociais, e por isso, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as identidades linguísticas, étnicas e culturais dos estudantes. (BRASIL, 2017, p. 15) Além disso, segundo o

documento, “compete à escola garantir o trato, cada vez mais necessário, com a diversidade, com a diferença” e no que se refere às orientações quanto à área de Linguagens a BNCC

[...] considera, como uma de suas premissas, a Diversidade Cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente. Ainda em relação à Diversidade Cultural, cabe dizer que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades. Esse patrimônio cultural e linguístico é desconhecido por grande parte da população brasileira. (BRASIL, 2017, p. 68)

E indica como uma das competências de tal área

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2017, p. 63)

Assim, a abordagem da Diversidade Cultural com apoio dos recursos digitais e da tecnologia tem potencial para favorecer a aprendizagem e auxiliar na motivação dos alunos a refletirem sobre o tema e a se manifestarem e trabalharem cooperativamente e colaborativamente para lutar contra os preconceitos, racismo e qualquer forma de discriminação na promoção de uma sociedade mais justa e solidária.

2.1. Caminho percorrido e resultados alcançados

A metodologia empregada para a investigação baseou-se na abordagem qualitativa, descritiva com nuances de uma observação participante contando com cinco sessões de observação presencial das ações da docente responsável pelo projeto com os estudantes, bem como questionário aberto aos demais professores envolvidos para coleta dos dados sobre as impressões e os benefícios do trabalho por eles observados.

O projeto analisado vem sendo realizado desde março de 2018 com a participação de uma turma do Novo Mais Educação composta por 60 alunos do

quinto ano que se encontram em horários distintos e em grupos separados. Tais alunos frequentam a Informática Educativa no contraturno para realização de projetos com uso da tecnologia.

Para atingir os objetivos do projeto foram realizadas cinco visitas presenciais sendo duas em abril, duas em maio e a última em junho de 2018, a partir das quais foram observadas e registradas em diário de campo ações da professora responsável com a turma, realizada duas entrevistas com a docente responsável e no último encontro aplicado um questionário aberto aos professores dos estudantes participantes com questões destinadas a averiguar o nível de satisfação destes na participação do projeto, sua percepção quanto a aprendizagem dos alunos em relação ao tema Diversidade Cultural, e suas impressões quanto a mudança de postura dos alunos frente às diferenças e o respeito ao próximo.

A partir das observações realizadas foi possível perceber que a professora responsável pelo projeto vem sendo a que mais propõe ações a serem realizadas pelos alunos, ações essas sempre planejadas passo a passo que os alunos realizam durante as aulas. No primeiro encontro e entrevista, tal professora relatou que a ideia de trabalhar a Diversidade Cultural surgiu de contextos ocorridos na própria escola onde ela notou a presença de preconceito relacionado a diferenças de raça e religião, o que a estimulou a idealizar o trabalho com os alunos. Num dos casos a professora relatou

Aqui na escola tá acontecendo muita falta de respeito com os colegas, sabe... que, digamos são diferentes da maioria. A aluna P., mesmo,, ela já saiu chorando da sala umas duas vezes porque os colegas faziam brincadeiras por causa do cabelo. E esse é um exemplo, aqui tem muitos outros casos. (Transcrição de Entrevista Semi-estruturada - Professora A. 23/04/2018)

Nesse sentido, é preciso atentar que, conforme afirma Kadlubitski; Junqueira (2009, p.181) “as pessoas aprendem a ver as culturas, diferentes das suas, e as julgam do seu ponto de vista”, e que diante do exposto a ação educativa no que se refere ao tema mostrou-se necessária e urgente.

Durante as observações das ações da professora responsável foi possível perceber ainda que os demais professores e alunos dos grupos aprenderam na prática, com apoio da professora do projeto a manusear diferentes softwares, dentre eles Editor de Apresentações, Editor de Textos, Planilhas e Vídeos, que eram ensinados pela docente responsável durante a construção dos

próprios conteúdos produzidos pelos grupos a serem postados no Blog por ela ou apresentados para a comunidade escolar em diferentes eventos. Periodicamente um dos grupos apresentava uma produção relacionada ao tema em um dos formatos digitais citados a depender dos objetivos propostos pela atividade da professora responsável. Quanto a isso, apontamos que o projeto contribuiu para a alfabetização digital dos envolvidos e essa “alfabetização digital” é definida por Gilster (1997 apud Coll; Monereo, 2010, p.32) como “a capacidade de compreender e usar a informação em múltiplos formatos e de fontes diversas quando apresentada por meio de computadores”.

Nesse sentido a Professora “A.” relatou na entrevista de nosso último encontro, quando perguntada sobre se o projeto trouxe benefícios quanto ao manuseio do computador e da internet aos alunos:

[..] eu até me impressionei com o desempenho das crianças na informática, muitos nem tem computador em casa e estão fazendo os slides sem precisar ficar me chamando, eles mesmo procuram as figuras no Google, salvam, colocam no slide ou no Word, e me chamam pra mostrar [...] já fizemos cartazes, convites para apresentação, slides para falar dos costumes de cada região, das diferentes religiões e eles vão sozinhos já, eu só falo os termos que eles tem que procurar e eles vão seguindo. (Transcrição de Entrevista Semi-estruturada - Professora A. 28/06/2018)

Sobre ganhos na aprendizagem, no questionário aberto aplicado no final de junho aos professores dos alunos participantes, uma das docentes ressaltou na questão “Você acredita que o projeto Diversidade Cultural contribuiu para aprendizagem e desenvolvimento dos alunos?” o seguinte trecho:

Acredito sim que contribuiu, tanto para a aprendizagem como para o desenvolvimento, pois eles estão fazendo textos com mais facilidade na aula, com argumentação, com conteúdo muito melhor, coisa que antes a gente trabalhava e não saía, ficava sempre chovendo no molhado, escrevendo a mesma coisa, agora não, sai ideias boas e mais organizadas. É uma pena que nem todos os alunos da sala estão no integral, porque os que não participam do projeto não tiveram esse desenvolvimento. (Registro de resposta em questionário aberto - Professora B. 28/06/2018)

Sobre a mesma questão outra professora pontuou:

Sim, acho que contribuiu, mas a empolgação deles com o computador às vezes deixava de lado coisas importantes do conteúdo, acho que teria que regravar mais o uso de som nos slides deles para eles focar mais na informação do que nos efeitos. A aprendizagem maior eu acho que foi no uso do computador agora eles dão show, até trazem pra gente sites sobre outras coisas que a gente está trabalhando em ciências, outros dia vieram com um site bem interessante com experiências pra gente fazer na aula. (Registro de resposta em questionário aberto - Professora C. 28/06/2018)

O que demonstra que os ganhos de aprendizagem e alfabetização digital alcançados a partir das ações do projeto promoveram uma melhoria na aprendizagem das crianças que participaram do projeto e a resposta da Professora “B.”, demonstra ainda que os alunos que não estiveram envolvidos não apresentaram melhorias significativas.

Observamos ainda que os alunos perceberam que a informação não está apenas nos livros e nas palavras do professor, mas também em diversas outras fontes, conforme apontado pela Professora “C.” ao relatar que os alunos têm trazido fontes externas, sites, para compartilhar e contribuir coletivamente com a construção do saber. Quanto a isso, Libâneo (2010, p.26) afirma que os alunos “[...] devem aprender a buscar informações de vários canais: aulas, livro didático, TV, rádio, jornal, vídeos no computador e analisá-las criticamente dando significados pessoais a essas informações.”

Com base nas ações observadas e no questionário aberto respondido pelos docentes participantes do projeto pudemos perceber também que as crianças além de apresentarem bom aproveitamento dos conteúdos trabalhados, o trabalho da Diversidade Cultural alinhado com uso das tecnologias vêm contribuindo para a construção de suas identidades, conhecendo e respeitando as diferenças de diversas culturas.

Nesse sentido, em resposta à questão “Você considera que os alunos estão mais preparados e conscientes para lidar com as diferenças depois da participação no projeto Diversidade Cultural?”, todas as professoras dos alunos envolvidos no projeto concordaram que o projeto contribuiu não apenas para aquisição de conhecimentos, mas também para uma mudança de postura. As duas professoras que mais destacaram essa posição são a professora “C.” e professora “D.” cujas respostas são apresentadas a seguir:

Com certeza, que sim, inclusive eles até chamam a atenção dos colegas quando alguém fala alguma coisa que pode ofender o outro, como numa situação na aula de Artes, a aluna F. falou que o desenho da colega estava muito “baiano”, tentando expressar que não tinha gostado da produção e nesse momento um aluno entrou na conversa para dizer que se estava baiano estava bonito porque a Bahia é um lugar lindo e tem muita gente legal lá, que não tem nada a ver com feio. (Registro de resposta em questionário aberto - Professora C. 28/06/2018)

Sim, eles aprenderam sobre costumes do país inteiro, até em geografia eles estão craques, e aprenderam a valorizar os costumes diferentes sem julgar

o que é melhor e pior, pois perceberam que não existe isso. Na minha sala a grande melhoria foi no respeito, pois eu tenho uma aluna bem gordinha que sempre era alvo de piadinhas e eu tinha que intervir, agora os próprios colegas já se posicionam quando alguém faz uma brincadeira. (Registro de resposta em questionário aberto - Professora D. 28/06/2018)

No entanto, assistindo algumas aulas da professora responsável e a apresentação dos alunos dos produtos criados, sentimos falta de um protagonismo maior dos estudantes no projeto e criticidade dos alunos que, em geral, eram conduzidos nas ações definidas passo a passo, ao invés de partir tais ações de sua própria autonomia, a partir de suas escolhas. Nesse sentido, Coll e Monereo (2010) indicam que no atual contexto em que se encontra a sociedade, uma das competências que os indivíduos precisam desenvolver é ser capaz de atuar com autonomia, o que inclui ser capaz de decidir elaborar e pôr em prática planos e projetos pessoais, defender e afirmar os próprios direitos, interesses e limitações, e mediante o observado sentimos que, os alunos nessa faixa etária ainda não estão preparados para a independência no uso dos recursos tecnológicos segundo suas escolhas, sendo necessário um trabalho diferenciado de incentivo para motivar e mediar tal proatividade.

Quanto ao manuseio da tecnologia, observamos e tivemos relatos da professora responsável, que o uso das TIC favoreceu a motivação dos alunos.

[...] quando a gente começa a informática acaba até a indisciplina, é o horário que eles mais gostam e uma atividade de pesquisa, interpretação com textos parecidos com os que tem no livro didático deles parece que fica mais interessante no computador, pois eles nem piscam, só depois de um tempinho que eles cansam aí querem mexer, querem criar, as crianças querem se sentir autoras, vira e mexe vem um falando que quando crescer quer ser youtuber. (Transcrição de Entrevista Semi-estruturada - Professora A. 25/05/2018)

Nesse sentido pontuamos que as TIC nas escolas são um marco inovador, dinâmico e de transformação, que devem ser usadas, principalmente, para atividades que não seriam possíveis sem elas, valorizando a sua potencialidade. Porém,

[...] a incorporação das TIC na educação não transforma nem melhora automaticamente os processos educacionais, mas, em compensação, realmente modifica substancialmente o contexto no qual estes processos ocorrem e as relações entre seus atores e entre esses atores e as tarefas e conteúdos de aprendizagem, abrindo, assim, o caminho para uma eventual transformação profunda desses processos, que ocorrerá, ou não, e que representará, ou não, uma melhora efetiva, sempre em função dos usos concretos que se dê à tecnologia. (COLL, MONEREO, 2010, p.11)

Além disso, pontuamos que o uso dos recursos digitais facilitou a divulgação dos trabalhos realizados e ampliou o acesso às informações dos alunos que puderam conhecer culturas de povos de outros países sem sair de sua cidade reconhecendo que as diferenças enriquecem nosso olhar e nossa cultura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente consideramos que o uso da tecnologia no projeto “Diversidade Cultural: Quem sou eu?” pautou-se em nuances de metodologias ativas, que buscam colocar o aluno como centro do processo educativo e com papel ativo e participante, porém a faixa etária envolvida (10-11 anos) mostrou-se ainda imatura para uma autonomia de ações, nesse sentido a mediação da docente responsável estruturando e direcionando as atividades foi essencial.

Como pontos positivos do trabalho observado consideramos que a tecnologia vem tendo um papel de destaque na realização do projeto, facilitando a divulgação das ações realizadas, e também a comunicação entre os envolvidos. Além disso, o uso da internet possibilita um acesso amplo à informação trazendo mais conteúdos e exigindo o desenvolvimento de competências para seleção de informações de acordo com critérios de pertinência e confiabilidade que os alunos e professores precisaram desenvolver. Acreditamos segundo os resultados visualizados que o projeto vem contribuindo para a alfabetização digital dos alunos envolvidos, que aprenderam a pesquisar na internet e conheceram e manipularam diferentes softwares como de apresentações, de planilhas e editor de textos e vídeos, desenvolvendo estratégias para organizar e expor novos conhecimentos a partir de diferentes formatos.

No entanto, percebemos que, no que se refere a aprendizagem, a tecnologia não teve um papel independente, e que esta aprendizagem dependeu mais da ação docente do que da tecnologia em si, além disso, pontuamos que a atuação da professora que realizou a maior parte das atividades teve como foco o direcionando das pesquisas com indicação de termos a serem pesquisados e fornecendo passo a passo instruções das ações a serem executadas, tal ação, demonstra que o compromisso docente no uso das tecnologias é fundamental para que a aprendizagem significativa aconteça, a percepção do professor sobre a

realidade de seus alunos, como foi visto no caso desse trabalho, é ponto inicial para novos conhecimentos e formação de valores humanos na escola.

É preciso salientar que os conhecimentos em informática apresentados pela professora responsável, são elementares e não incluem programação, mas suficientes para desenvolver um trabalho eficaz com uso das tecnologias e das mídias na escola, o que demonstra que qualquer professor que tenha motivação pode mediar um trabalho com tecnologias que oportunize a construção do saber.

No que se refere à questão da Diversidade Cultural, observamos que os alunos demonstraram ganhos de aprendizagem relativos à aprendizagem quanto às origens do povo brasileiro, a importância de respeitar as culturas e costumes diferentes dos seus e construção da própria identidade, porém acreditamos que faltaram atividades que demonstrassem onde os preconceitos e desrespeito às diferenças aparecem no dia a dia de forma discreta, como no caso de propagandas, novelas e outras mídias de contato diário e comum dos estudantes.

Como reflexão final acreditamos que, ao contrário do que pregam correntes pessimistas que querem consolidar a educação como um produto mercadológico, a inserção do computador no ensino não é a salvação e garantia de qualidade na educação, mas sim requer uma reflexão metodológica sobre como e porque incluir a tecnologia no processo educativo, devendo-se ir além de instruções meramente técnicas sobre o uso de equipamentos, programas e internet, mas sim considerar a tecnologia como ferramenta para a construção do conhecimento significativo, promovendo igualdade de oportunidades, respeito às diferenças e às múltiplas identidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, 3ª versão. Brasília. 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>> Acesso em: 02 de jul. de 2018.

COLL, C.; MONEREO, C. **Psicologia da Educação Virtual**: Aprender e Ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COLL, C.; MAURI, T.; ONRUBIA, J. A incorporação das tecnologias da informação e da comunicação na educação. In: COLL, César; MONEREO, Carles. **Psicologia da**

Educação Virtual: Aprender e Ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 66-91.

FANTIN, M. **Novo olhar sobre a Mídia-Educação.** 28a Reunião Anual da ANPED (Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), no GT Educação e Comunicação. Caxambu (MG), 2005. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt16/gt16123int.rtf>>. Acesso em: 20 de fev. 2018.

KADLUBITSKI, L.; JUNQUEIRA, S. Diversidade cultural e políticas públicas educacionais. **Educação** (UFSM), Santa Maria, p. 179 - 194, abr. 2009. ISSN 1984-6444. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1596>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente.** São Paulo: Cortez, 2010.

MAMEDE-NEVES, M. A. C.; DUARTE, R. O contexto dos novos recursos tecnológicos de informação e comunicação e a escola. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 104, p. 769-789, out. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0729104.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2018

MARÍN, J. Globalización, diversidad cultural y practica educativa. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba: Champagnat. v. 4, n. 8, p. 11-32, jan./abr. 2003

MORAN, J. M., MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas: Papirus, 2004.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad.: Eloá Jacobina. 7a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO. 2003.

SANTOS. A. R. J.; OLIVEIRA. M. R. F. **A Invenção e (Des)Invenção da Escola à Luz da Sociedade do Espetáculo:** Algumas Reflexões Possíveis. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 62, p.242-253, mai. 2015.

URI – Iniciativa das Religiões Unidas de Curitiba. **Diversidade religiosa e direitos humanos.** Curitiba: Gráfica da Assembléia Legislativa do Estado do Paraná. 2007.

VEEN, W.; VRAKING, B. **Homo Zappiens:** educando na era digital. Trad. de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.